



Luis Minero*

* Graduado em Química. Pesquisador e Diretor Administrativo da IAC.
luis.minero@iacworld.org

Palavras-chave

Conscienciologia
Cultura
Globalização
Idiomas
Poliglotismo

Keywords

Conscientiology
Culture
Globalization
Languages
Polyglotism

Palabras-clave

Concienciología
Cultura
Globalización
Idiomas
Poliglotismo

Globalização e Expansão Conscienciológica Através dos Idiomas

Globalization and Conscientiological Expansion through Languages

Globalización y Expansión Concienciológica a través de los Idiomas

Resumo:

Este artigo apresenta um estudo da relação entre a globalização e a expansão e integração da Conscienciologia através de vários idiomas. Diferentes características da globalização são apresentadas, fazendo-se a correlação com a Conscienciologia. Esta pesquisa sugere que, com a globalização, alguns valores regionais e idiomas menores ficam marginalizados e desaparecem, enquanto outros se expandem. Uma análise básica da estrutura e característica dos idiomas é apresentada, evidenciando como as pessoas entendem o mundo em que vivem e, ao mesmo tempo, como as linguagens as condicionam. Através dos paralelos estudados entre a globalização e a análise dos idiomas, este trabalho pretende contribuir para a criação de novas associações de idéias, enfatizando a importância de se investir na prática do poliglotismo e na conscientização dos seus efeitos, concluindo que neste momento da globalização, e dentro do contexto do Estado Mundial, as consciências mais lúcidas não podem se permitir estar restritas por nenhuma limitação idiomática.

Abstract:

This article presents a study in regards to the relation between globalization and the expansion and integration of conscientiology through different languages. Different characteristics of globalization are presented and correlated with conscientiology. This research suggests that, with globalization, some regional values and less expressive languages become marginalized and eventually disappear, while other languages expand. A basic analysis of the structure and characteristics of the languages are presented, evidencing how people understand the world in which they live and, at the same time, how the languages condition their lives. Through parallels studied between globalization and the analysis of languages, this work intend to contribute with new association of ideas, emphasizing the importance of investing in the practice of polyglotism and the acknowledgment of its effects. It concludes that in this moment of globalization and within the context of World State, all lucid intraphysical consciousness cannot allow them to be restricted by any idiomatic limitation.

Resumen:

Este artículo presenta un estudio de la relación entre la globalización y la expansión e integración de la Concienciología a través de varios idiomas. Diferentes características de la globalización son presentadas, haciéndose la correlación con la Concienciología. Esta investigación sugiere que, con la globalización, algunos valores regionales e idiomas menores quedan marginalizados y desaparecen en cuanto otros se expanden. Un análisis básico de la estructura y característica de los idiomas es presentado, evidenciando como las personas entienden el mundo en el que viven y, al mismo tiempo, como los lenguajes las condicionan. A través de los paralelos estudiados entre la globalización y el

análisis de los idiomas, este trabajo pretende contribuir para la creación de nuevas asociaciones de ideas, enfatizando la importancia de invertir en la práctica del poliglotismo y en la concientización de sus efectos, concluyendo que en este momento de la globalización, y dentro del contexto del Estado Mundial, las conscins más lúcidas no pueden permitirse estar restrictas por ninguna limitación idiomática.

INTRODUÇÃO

A globalização, mesmo sendo um processo controverso, tem peso e influência cada vez maiores no cotidiano das pessoas. Sobretudo naquelas conscins com mais recursos e educação e com entendimento mais profundo das implicações, já que os efeitos da globalização não são homogêneos – em certas áreas as influências positivas são muito palpáveis, enquanto em outras ocorre o oposto. Ao mesmo tempo, algumas regiões estão mais globalizadas e outras menos.

Fazendo correlações com a globalização, observa-se que a expansão da divulgação da Conscienciologia se encontra inevitavelmente inserida, como muitas outras atividades, dentro desse contexto. Essa expansão não tem ocorrido de modo homogêneo, com certas áreas recebendo influência maior e outras menor. Além desse paralelo, várias outras similitudes podem ser traçadas entre a globalização e a Conscienciologia.

Um dos recursos mais eficazes e naturais para ajudar nessa expansão conscienciológica são os idiomas, que são o meio de comunicação e o recurso simbólico principal pelo qual as idéias são transmitidas na dimensão intrafísica. Porém, fazendo-se uma análise básica, observa-se que, apesar das vantagens, os idiomas apresentam a grande desvantagem que qualquer sistema de símbolos sempre terá: uma estrutura que limita e gera costume nos usuários. Ou seja, o condicionamento a um idioma cria um hábito consciencial e gera a manifestação principalmente – e em muitos casos *unicamente* – baseada nessa estrutura simbólica. A sua comunicação verbal e energética, e até a própria pensenidade, são influenciadas pelo idioma (restrição mentalsomática).

Concomitante a certo determinismo lingüístico, uma conscin que aprende um segundo idioma (ou mais) tem maior facilidade em reconhecer esse determinismo em outro idioma e em entender as tendências culturais das conscins através da análise da língua. Esse conhecimento facilitará ao conscienciólogo abordar as conscins que falam essa língua, permitindo que a tarefa do esclarecimento (tares) seja feita mais globalmente, através da realização de cursos e da publicação de livros, artigos e outros materiais em mais línguas. O fato de entrar em outras culturas, fazendo uso dos respectivos idiomas, ajuda a enriquecer a Conscienciologia.

Com a superação das distâncias no planeta é essencial o reconhecimento dessas diferenças e a flexibilidade dos pesquisadores da Conscienciologia em adaptar-se à realidade da globalização para o melhor desempenho da tarese e a expansão do universalismo. Este trabalho pretende contribuir para a criação de novas associações de idéias, enfatizando a importância de se investir na prática do poliglotismo e na conscientização dos seus efeitos.

GLOBALIZAÇÃO

Globalização é um conceito ainda bastante polêmico dentro dos círculos acadêmicos. Existem argumentos a favor e contra, havendo questionamentos inclusive a respeito de sua existência. Dentro da ciência

política, os globalistas argumentam sobre o nível de conectividade existente no planeta neste momento, e que aumenta a cada dia, ser evidência da influência de padrões externos no local – sendo este um produto da globalização e de como o mundo está se tornando cada vez mais interdependente.

Porém os céticos argumentam que, em termos econômicos, o planeta já esteve muito mais entrosado do que agora, como no período entre 1890 e 1914, a *belle époque*. Defendem que a idéia de “globalização” é só um pretexto para impor a agenda econômica dos Estados Unidos da América. Mesmo assim, esse segundo grupo aceita haver maior interconexão e internacionalização mundial. Ambos os lados apresentam argumentos válidos e importantes que se deve ter em mente para se chegar a um entendimento integral a respeito do tema.

Apesar de existirem diferentes classificações e maneiras de definir globalização, esta poderia ser definida da seguinte forma: globalização é a expansão de aspectos econômicos, culturais, tecnológicos e políticos além das fronteiras convencionais dos países, adquirindo um caráter internacional, influenciando questões locais em vários setores do mundo.

Segundo Held e McGrew (2004, p. 3), a globalização tem sido concebida como:

1. Ação à distância, nas quais as ações de agentes sociais em um local podem ter conseqüências significativas para ‘outros distantes’.
2. Compressão do tempo-espaço – referindo-se à maneira como a comunicação eletrônica diminui as limitações de distância e tempo na organização e interação social.
3. Aceleradora de interdependência, entendida como a intensificação da interação entre economias e sociedades nacionais, de maneira que os eventos em um país causem impacto diretamente sobre outros.
4. Um mundo que se *encolhe*, criando a *erosão* de fronteiras e barreiras geográficas relacionadas com a atividade socioeconômica.
5. Integração global.
6. A reorganização das relações de poder inter-regionais (política).
7. O crescimento da tomada de consciência da condição global.

Observa-se, a partir do panorama acima, que as influências da globalização são exercidas em várias frentes. Denotam a escala expansiva, a magnitude crescente, a aceleração e o impacto profundo dos fluxos inter-regionais e dos padrões de interação social. A globalização, vista no sentido de aproximar culturas diversas, é positiva e ajuda as consciências no caminho rumo ao universalismo. Pressões e aspectos econômicos e desiguais da globalização não são os ideais, mas podem levar à diminuição do sectarismo. No empreendimento do Estado Mundial, segundo Vieira (2003, p. 232), “precisamos, acima de tudo, da globalização sem hegemonia, democrática, própria da megafaternidade”. Por essas razões, a globalização parece ser, neste momento, a ferramenta ou a maneira mais imediata para chegar ao Estado Mundial.

Existem vários paralelos entre as conseqüências da globalização e da Conscienciologia. Eis aqui alguns deles:

1. **Flexibilidade.** Ambas levam o indivíduo a desenvolver mais flexibilidade e neofilia. Inicialmente, “puxam e empurram as sociedades em diferentes direções, e geram simultaneamente cooperação assim como conflito, integração e também fragmentação, exclusão e inclusão, convergência e divergência” (HELD; MCGREW, 2004, p. 7). Quando a pessoa entra em contato com a Conscienciologia, passa naturalmente a questionar valores individuais mais específicos. Professores de Conscienciologia em todo o mundo sabem qual é a reação das pessoas ao escutar sobre conceitos como cosmoética, universalismo, priorização mentalsomática, entre outros. Dentro de grupos diversos – casais, familiares, amigos – sempre existem

pessoas que entendem melhor ou mais profundamente esses conceitos, em comparação a outros elementos do grupocarma, e que buscam incorporá-los a suas vidas. Tais fatos podem gerar crises grupais e pessoais. Em certos casos, os valores das pessoas mudam muito, e em direções que não esperavam. Alguns desses indivíduos conseguem digerir melhor esses conceitos e fazer a própria recin, ou seja, depois de um período de crise relativa, na qual existem certos níveis de fragmentação, auto-inclusão em certos grupos e auto-exclusão de outros – a Conscienciologia proporciona ao indivíduo um entendimento mundial maior.

Ao mesmo tempo, conflitos energéticos e extrafísicos aparecem no momento em que aulas de Conscienciologia começam a ser ministradas em diferentes cidades. O contrafluxo, na forma de holopense e consciexes antagônicas, ataca os agentes que trazem a Conscienciologia. Na visão dessas consciências, seu espaço está sendo invadido – e, de certa maneira, é o que acontece. Em muitos casos, os representantes da tares chegam na condição de *bombeiros para debelar um incêndio*. Não tocam a campainha e esperam para ser atendidos. Entram com firmeza, tentando apagar o fogo e melhorar as condições – exemplo típico de reurbanização.

2. Individualização. Ambas são levadas à frente não por instituições governamentais ou tradicionais, mas sim por companhias e empreendimentos privados (no caso da segunda, os voluntários das Instituições Conscienciocêntricas).

3. Reciclagem. A chegada de idéias externas e inéditas faz com que as pessoas repensem os valores mais sectaristas e convencionais nos quais muitos foram educados – fazendo reciclagem inclusive das responsabilidades individuais e éticas. No momento em que as relações econômicas entre países se tornam mais interdependentes, surgem agentes externos interessados nos processos locais que buscam ajudar a manter a produção local. Tais atitudes promovem efeitos além das fronteiras da localidade. Isso faz com que os agentes locais reconheçam os valores externos e os agentes externos reconheçam os valores locais. Através desse intercâmbio, ambos aproximam-se e entendem-se melhor, a caminho do universalismo.

4. Soluções. À medida que a globalização avança, surgem problemas, que não respeitam fronteiras (lavagem de dinheiro, tráfico de drogas, desmatamento de florestas), havendo necessidade de soluções globais. Leis, tratados e instituições internacionais surgem com o objetivo de tentar abranger os problemas e trabalhar na procura de soluções. Alguns desses organismos são, entre outros, a ONU, o G7, o FMI, a OPEP, a UE e o MERCOSUL. Em meados do século XIX, existiam 3 ou 4 conferências ou congressos internacionais, enquanto que em 2001, o número foi superior a 9.000. Em 1909, existiam 176 OINGs (Organizações Internacionais Não Governamentais), enquanto que em 2001, o número era de 47.098 OINGs (HELD; MCGREW, 2004, p. 12).

Da mesma maneira, à medida que o nível de lucidez aumenta na conscin, ela é capaz de entender problemas conscienciais que não respeitam fronteiras (intrusão, antiuniversalismo) e que precisam de soluções não sectárias e não convencionais (reurbanizações extrafísicas). Los Angeles, California (EUA), é a cidade com presença permanente da Conscienciologia, em cuja população, até onde se sabe, não existem praticantes de tenepes. Os tenepessistas mais próximos estão a mais ou menos 2.500 km de distância. A solução nesse caso é terceirizar o trabalho (*outsourcing*). Os pedidos de ajuda da tenepes são enviados a Nova Iorque, Londres e Foz do Iguaçu.

A globalização não tem se expandido em todas as regiões do mundo com a mesma intensidade. Pelo fato de o impulso inicial da mesma ter sido dado pela economia e pelo livre comércio, aqueles setores que

dominavam o mercado inicialmente têm se beneficiado mais. Os países em desenvolvimento têm ficado para trás devido ao *rolo compressor* das economias dos países do primeiro mundo, que impõem preços comerciais mais favoráveis para eles mesmos. Por exemplo, de 1950 a 1995, a fatia de mercado dos países em desenvolvimento diminuiu em exportações mundiais – de 33% para 27,7% – e em investimentos internacionais – de 50% para 16,5%.

Os países em desenvolvimento e com menor poder econômico não têm maneira efetiva de equilibrar a situação. Essa desigualdade só pode ser superada através de ações dos países com o poder de mudá-la, pois cai no âmbito das responsabilidades globais. Responsabilidade é um conceito muito próximo de cosmoética, ou seja, o que se observa é que a globalização do capital encontra-se adiante da expansão das responsabilidades globais. Neste momento a globalização ainda é mais uma busca por lucros e margens econômicas maiores e menos interesse sincero no bem-estar ou no melhoramento de condições dos países menos desenvolvidos. Apesar de os países em desenvolvimento estarem atualmente em situação geral melhor em comparação a eles mesmos, em relação aos países mais desenvolvidos, o *gap* e as desigualdades continuam aumentando. Estima-se que se precise no mundo de US\$6 bilhões anuais para prover educação básica a todas as crianças, US\$9 bilhões para prover água e medidas sanitárias e US\$13 bilhões para a saúde básica. Porém, nos EUA e Europa, gasta-se quase US\$20 bilhões anuais em jóias, US\$17 bilhões anuais em comida para animais de estimação e US\$70 bilhões, só nos EUA, em bebidas alcoólicas (HELD; MCGREW, 2004, p. 41). Existe uma *indiferença passiva* (autocorrupção) a esta situação, na qual os países desenvolvidos não querem abrir mão de seu estilo de vida em prol do bem comum. É extremamente difícil medir as conseqüências para as pessoas nos países em desenvolvimento resultantes dessa desigualdade de recursos.

Em escala inferior, menos relacionada com a sobrevivência somática, mas de extrema relevância para a consciência, a expansão da Conscienciologia também não tem sido homogênea. Ela tem se expandido principalmente de acordo com o idioma que os professores dessa ciência têm a habilidade de falar. Sem dúvida o Inglês, como verdadeira *língua franca*, abre as portas de muitos países. Como observação, dentro das novas frentes geográficas da Conscienciologia nos últimos anos, aulas têm sido oferecidas em 9 diferentes países e falando-se a língua oficial: na Austrália, na Nova Zelândia, na Alemanha, no Paraguai e no Uruguai. Ao mesmo tempo, a Suíça, o Chipre, a Suécia e o Japão foram atendidos com auxílio do Inglês, idioma não oficial desses 4 países.

Existem também restrições financeiras. Antes de se fazer itinerância a um local e/ou se estabelecer um escritório permanente em cidade ou país onde não exista uma Intuição Conscienciocêntrica (IC), as considerações econômicas são essenciais. Sendo os recursos financeiros e a economia fatores determinantes sérios e ainda inevitáveis, observa-se que esta situação provavelmente não mudará no futuro próximo. O ideal seria dispor de um fundo monetário para a expansão das itinerâncias internacionais no sentido de expandir a Comunidade Conscienciológica Cosmoética Internacional (CCCI) até cidades-chave.

Porém, é importante manter em mente, no que diz respeito à tares, que em qualquer cidade onde a Conscienciologia chega pela primeira vez, *sempre existem conscins com Curso Intermissivo*, a aproveitar a base de conhecimento e experimentação que essa ciência fornece. Esses indivíduos podem mais tarde vir a contribuir e enriquecer os trabalhos conscienciológicos. Será que é possível medir o quanto essas pessoas perdem por não conseguirem acessar a informação prioritária e não-dogmática em relação às suas proéxis? Essa perda não é material como no caso da globalização, é consciencial.

IDIOMAS

Uma das portas para possibilitar que mais pessoas tenham livre acesso à informação conscienciológica é através dos idiomas. Conforme já mencionado, idiomas são os códigos ou símbolos que as consciências usam para se relacionar, assim como também para fazer as tarefas. O poliglottismo é um traço valorizado na Conscienciológica, não só pelo que implica em relação ao alcance possível das tarefas, mas também pelo que se pode aprender de diferentes culturas.

Os idiomas, devido às próprias características, condicionam as consciências e, além disso, as limitações conceituais do monoglottismo levam a limitações de manifestação energética. São vários os aspectos específicos dos idiomas enraizados nas consciências de maneira quase inconsciente e que terminam por restringi-las. Existem muitas expressões, em diferentes idiomas, difíceis de serem traduzidas simplesmente por não existir o equivalente. O interessante é às vezes existir o equivalente em palavras, mas não em holopense.

Pode-se enumerar alguns dos aspectos que permitem entender o fato de um *idioma não ser universal, mas bastante específico* e em vários pontos limitante e condicionante, ou seja, apesar de ser possível expressar qualquer idéia em qualquer língua, a estrutura idiomática mostra como as pessoas entendem sua relação com o mundo (cultura).

1. Diferenças Expressivas

A. É possível apreciar a relação com o meio ambiente a partir das palavras que cada idioma possui. Em Português e nas línguas européias existe a palavra “tia” e “tio” para referir-se a todas as irmãs e irmãos de ambos os pais, ou seja, não existem termos específicos para a irmã do pai e para a irmã da mãe (culturalmente ambas são tias e têm a mesma função social). Porém, em *Iroquoian* todos os irmãos do pai são chamados também de pai e cumprem a mesma função social que o pai, enquanto que os irmãos da mãe têm um termo diferenciado e não são chamados de pai. Da mesma maneira, todas as irmãs da mãe são também chamadas de mãe (e cumprem a mesma função social que a mãe), e as irmãs do pai têm um termo diferenciado e não são mães. Portanto, os filhos dos “pais” (termo que também inclui os irmãos do pai) são chamados também de irmãos (correspondente a primo em português), mas os filhos da irmã do pai (a tia) não são irmãos. A mesma relação existe do lado da mãe. Os filhos de todas as “mães” são todos irmãos, mas não os filhos das irmãs do pai. As palavras mostram a diferença na estrutura social e nos valores familiares. Sendo assim, o idioma faz com que a pessoa pense de diferentes maneiras acerca de suas relações familiares, em comparação com o Português – o mundo da pessoa é outro. Esse tipo de diferenças baseadas no sexo dos irmãos continua nas outras gerações, ou seja, o irmão do avô é também considerado avô, e a irmã da avó, é também avó. Mas a irmã do avô não é avó, e o irmão da avó não é chamado de avô. Se não se tem a mesma proximidade com os primos como com os irmãos, se ocorre uma retrocognição com um irmão, ele seria irmão da maneira que se entende agora ou da maneira que se entende em *Iroquoian*? Como ficam as complexidades cárnicas nessa sociedade? Como fica (amplitude) para as consciências o termo “irmandade” quando, desde o começo, a pessoa tem mais ou menos irmãos e o conceito de quem é irmão é diferente?

B. Em Português e em outras línguas européias se diz “eu teria que ir até lá”, ou “eu devo ir até lá”. Porém em *Navajo* se fala (traduzido): “seria bom se eu estivesse lá”. A construção em *Navajo* não tem a força nem expressa a necessidade tal como em Português e outras línguas semelhantes. Em Português se fala “eu faço o cavalo correr”, mas em *Navajo* sealaria “o cavalo está correndo por mim”. O *Navajo*

expressa essa idéia como se o cavalo corresse voluntariamente. O Português tem vários verbos que significam coerção ou necessidade: causar, forçar, obrigar, compelir, ordenar, comandar, ter, dever, constranger e outros, mas o *Navajo* não possui verbos dessa natureza. É interessante pensar sobre como seria a atitude (a energia) de uma pessoa se falasse uma língua sem verbos de coerção. Existiria menos intrusão? E como seria uma conscin (a energia dela) que falasse uma língua com tantos verbos e maneiras de manifestar coerção?

C. No idioma Japonês se usam regularmente muitos honoríficos e desculpas. Por isso, existem muitas palavras para honrar ou exaltar a outra pessoa e existem palavras para a pessoa diminuir-se (e assim também honrar o outro). A palavra *sumimasen*, literalmente traduzida, significa “este não é o fim”. Mas é utilizada para transmitir as idéias “eu sinto muito” ou “obrigado”. Quando uma pessoa fala obrigado para alguém, ela ao mesmo tempo pede desculpas. Falando de uma postura ocidental, isso pode parecer desnecessário demais, porém pensar assim só mostra o condicionamento cultural, com influência na pensividade individual, já que *se está assumindo que a cultura atual é a referência absoluta* ao analisá-los, principalmente no momento de interagir com eles num meio ambiente de aula (a tares), essas diferenças devem ser levadas em conta.

2. Diferenças Fonéticas

A. Existem certas línguas que possuem somente 8 consoantes (Havaiano) e outras com dezenas (96 em *Kung*, falado na Namíbia). Algumas têm 3 vogais, mas a maioria possui 5 vogais, e outras como o Inglês e o Francês possuem mais de uma dezena. Normalmente, a partir do primeiro ano de vida, a criança já não assimila bem novos fonemas (BONVILLAIN, 2003, p. 243).

B. Certos idiomas acentuam sempre a primeira sílaba da palavra, alguns a última, outros a penúltima, e há aqueles que fazem uma mistura de acentuação silábica (variação da sílaba tônica).

C. O uso do silêncio varia em diversas culturas e idiomas. O silêncio idiomáticamente não é só a ausência de som, senão uma escolha. Nas sociedades ocidentais, o silêncio entre pessoas é percebido como incômodo, a menos que exista intimidade entre elas. Em algumas sociedades, o silêncio é requisitado em muitos casos, inclusive a pausa como respeito pelo que a outra pessoa acaba de falar. Para o povo Igbo, da Nigéria, o silêncio é inclusive uma forma de castigo. Os nativos da aldeia não falam com quem agiu de modo contrário às regras e, em muitos casos, nem com os próprios parentes até que o comportamento seja corrigido.

3. Diferenças Estruturais

A. Em termos da tipologia morfológica (combinação de morfemas), alguns idiomas são *isolantes* (como o Inglês, Chinês e Português) – ou seja, as palavras nesses idiomas são normalmente compostas por um único morfema. Por essa razão, pode-se ter a frase: “Curso de Desenvolvimento da Consciência (CDC)” – o curso básico de Projeciologia e Conscienciologia da IAC. Essa frase é composta por cinco palavras e seis morfemas. Um morfema é a mínima unidade de significado. Cada prefixo e cada raiz, por exemplo, compõem um morfema. Na frase acima, existem cinco palavras sem afixos ou nenhum outro tipo de modificador. Contudo, existem seis morfemas, pois a preposição “da” inclui dois morfemas – “de” e o artigo “a”. Nesse tipo de língua, a relação e a ordem entre os morfemas, dentro da frase, são importantes para entender o significado da sentença. Outros idiomas são *aglutinadores* – o Turco, por exemplo – e podem combinar muitos morfemas com normas muito regulares para formar palavras (normalmente esses idiomas são aprendidos mais rapidamente pelas crianças) (BONVILLAIN, 2003, P. 243). E outros são *sintéticos* –

ou que aglutinam morfemas com regras muito irregulares –, como o *Mohawk*. Por essa razão, em Alemão se pode ter o termo *Bewusstseinsentwicklungsprogramm* em uma palavra, que em Português significa (em cinco palavras): “Curso de Desenvolvimento da Consciência (CDC)”. Mas isso não é característico do alemão somente. Também está presente em outros dos 5 idiomas utilizados para apresentar o trabalho que originou este artigo. Em Inglês fala-se (em 4 morfemas): “give it to me”. Em espanhol, “dá-melo”, ou seja, numa palavra se aglutinam 3 morfemas (do mesmo modo que no Alemão): dá- (o verbo: give), -me- (o recipiente da ação: to me) e -lo (o objeto direto: it).

B. Certos idiomas estão baseados em casos gramaticais e outros ocupam preposições e a posição dos morfemas na frase para indicar a relação entre os componentes da frase. “Eu compro o chapéu para ela”; em Inglês, “I buy the hat for her”. Nessas frases simples vemos que o substantivo antes do verbo é o sujeito; o substantivo depois do verbo é o objeto direto e o substantivo depois da preposição “para” é o objeto indireto. Os casos gramaticais não são muito usados em Inglês, Português e Espanhol; mas por exemplo, o sujeito se encontra normalmente no caso nominativo, o objeto direto no caso acusativo, e indireto no caso dativo. Usa-se a posição na frase e preposições para entender a relação entre as diferentes partes da mesma. Porém existem línguas que estão baseadas na declinação de morfemas que indicam o caso gramatical, e com isso a relação das partes da frase entre si. Qualquer pessoa que tenha aprendido Alemão, por exemplo, sabe que tem que mudar o seu modo de pensar para entender o que significam os casos do Alemão: nominativo, dativo, acusativo e genitivo.

Em Alemão, falar-se-ia “Ich kaufē ihr den Hut”. A tradução é: eu compro ela (+dativo) o chapéu (+acusativo). “Ela” em Alemão é “sie”, mas nesse caso, sendo ela o objeto indireto, “sie” se declina “ihr”, e isso já indica que é “para ela” – mas não se precisa da preposição “para” como em Inglês e Português.

Observa-se, nesse exemplo, que em Inglês houve uma declinação, já que na mesma frase (I buy the hat for her) “she” passou para “her”. Isso acontece porque o Inglês teve vários casos anteriormente semelhantes ao Alemão. Isso foi modificado com o tempo, porém ainda existem resquícios.

Mas, esses exemplos são poucos se comparados com os casos que existem. Na realidade, as diferenças são pequenas porque estamos comparando línguas da mesma família: Indo-Européia. O Finlandês, por exemplo, utiliza mais de 15 casos, e alguns deles são interessantes, como o partitivo. Ele é usado para denominar partes e atividades que ainda não foram completadas. Então, em uma frase como “eu bebi suco”, usar o caso partitivo para a palavra suco, ou seja, “eu bebi (suco+declinação Partitiva)” já denota que não se bebeu todo o suco, mas apenas parte, e que ainda existe suco. Existem muitos casos usados no mundo pelos diferentes idiomas. Eis aqui uma pequena lista deles (só os que começam com a letra “a” em Inglês), aqui dispostos em ordem alfabética:

1. Abessive: indicando ausência ou falta de algo.
2. Ablative: indicando direção desde ou tempo desde.
3. Absolutive: indicando sujeito ou objeto de verbo intransitivo.
4. Accusative: indicando objeto direto do verbo.
5. Adessive: indicando lugar em que, ou proximidade a.
6. Adnominal: indicando adjetivos usados como substantivos.
7. Agentive: indicando agente desempenhando uma ação.
8. Allative: indicando movimento em direção a.
9. Associative: indicando associação com ou acompanhamento por.

Pode-se ver através desta discussão como a estrutura gramatical dos elementos das frases já *classifica os idiomas em linhas bem específicas*.

C. O uso de afixos é diferente em cada idioma. O Português possui e usa principalmente prefixos (antes do radical) e sufixos (depois do radical) como inflexões para os morfemas do idioma. Contudo, existem idiomas que usam comumente infixos, que são colocados no meio (dentro) da palavra e circunfixos, que vão antes e depois da palavra. Circunfixos são muito comuns em Alemão para a formação do particípio passado dos verbos regulares (*geliebt: lieb = amar, ge...t = passado*). Em casos de verbos regulares, é muito mais fácil entender o circunfixo para formar os diferentes tempos, já que o afixo é sempre utilizado – como no caso acima.

Como se observa, a partir desses poucos exemplos (comparado com o número de aspectos e complexidades lingüísticas existentes), o idioma nativo de cada pessoa é *extremamente específico, não universalista* e pode ser classificado em relação a muitas das suas características. Ou seja, o idioma já condiciona a pessoa e faz com que a sua manifestação seja feita dentro de linhas bem específicas, que não são universais. À medida que uma conscin aprende outras línguas, a sua agilidade mental e pensênica é menos limitada. O mais sério, porém, é a limitação de não poder interagir (e fazer a tares) com outras conscins que falam idiomas diferentes – considerando que existem muitas línguas no mundo.

MISTURAS E ESTATÍSTICAS

Fora os esquemas formais, existem também os sistemas informais de comunicação, como as misturas entre duas línguas. É muito comum ouvir falar do “portunhol”, “portlish”, “portuñol”, “spanglish” e de outros relacionados com vários idiomas.

Também é interessante aprender esse tipo de palavras para poder se comunicar em várias línguas. Típico “spanglish” escutado em L.A. entre os hispanos (normalmente são palavras em inglês com inflexões em espanhol): *marketa* (de “market”), *la yarda* (de “yard” ou “garden”), *bipear* (de “beeper”), *faxear* (de “fax”), *la trucka* (de “truck”), *billes* (de “bill”) e outros. Trabalhando como intérprete há anos, este autor entrou em discussão com um hispano porque ele não conseguia entender a palavra “*facturas*” em Espanhol (“contas” em Português). Finalmente, este autor entendeu que usava a palavra “*billes*”, e a conclusão dele era, “para mim elas sempre foram chamadas de ‘*billes*’”.

Fora isso, existem muitos tipos de misturas informais entre duas línguas, inclusive em Inglês. A terminação “-ish” de *English* já virou um sufixo que denota essa mistura.

Eis aqui alguns deles:

- Benglish (Bengali-English).
- Chinglish (Chinese-English).
- Czenglish (Czech-English).
- Danglish (Danish-English).
- Denglish (Dutch-English).
- Engrish (English-Japanese).
- Finglish (Finnish-English).
- Genglish/Ginglish/Germish (German-English).
- Greeklis (Greek-English).
- Hinglish (Hindi-English).

- Hunglish (Hungarian-English).
- Japlish (Japanese-English).
- Konglish (South Korean-English).
- Manglish (Malaysian-English).
- Namlish (Namibian-English).
- Runglish (Russian-English).
- Serblish (Serbian-English).
- Singlish (Singaporean-English).
- Spanglish (Spanish-English).
- Swenglish (Swedish-English).
- Taglish (Filipino-English).
- Tanglish (Tamil-English).
- Tenglish/Thailish (Thai-English).
- Vinish (Vietnamese-English).
- Yeshivish (Yeshiva-English).
- Yinglish (Yiddish-English).

Eis mais alguns que pertencem a outros idiomas (não usam o sufixo “-ish”):

- Englog (English-Tagalog).
- Franglais (Français-Englais).
- Frespañol (Français-Espagnol).
- Nuyorican (New York-Puerto Rican).
- Itagnolo (Italiano-Spagnolo).
- Itañol (Italiano-Español).
- Italese (Italiano-Canadese).
- Svengelska (Svenska-Engelska).
- Svorsk (Svensk-Norsk).

Um das misturas mais interessantes é o “*globish*” (*Global English*), que está virando uma língua internacional. Ele funciona como o Esperanto, mas está baseado no inglês, o que faz o Globish mais prático. Apesar de não ser um idioma em si, já existem tentativas de formalizá-lo como tal. Neste momento existem cerca de 1.500 palavras, principalmente do inglês. Esse é um fato dá sustentação ao Inglês como língua franca e como impulsionadora da globalização.

Catalogando os idiomas falados no mundo, existem 6.192 línguas, que se classificam dentro de 94 famílias (classificação superior genérica). Eis aqui algumas estatísticas:

A. Os 12 países onde mais idiomas indígenas (próprios do local) são falados:

01. Papua Nova Guiné, 820.
02. Indonésia, 737.
03. Nigéria, 510.
04. Índia, 415.
05. México, 291.
06. Camarões, 279.

07. China, 235.
08. Congo, 214.
09. Austrália, 231.
10. Brasil, 188.
11. Filipinas, 171.
12. EUA, 162.

B. As línguas mais faladas são as seguintes (números em milhões):

01. Chinês Mandarim, 1.051 (873 como primeira língua e 178 como segunda língua).
02. Inglês, 510 (340 e 170).
03. Hindu, 490 (370 e 120).
04. Espanhol, 420 (350 e 70).
05. Russo, 255 (145 e 110).
06. Árabe, 230 (206 e 24).
07. Bengali, 215 (196 e 19).
08. Português, 213 (203 e 10).
09. Indonésio, 164 (24 e 140).
10. Japonês, 127 (126 e 1).
11. Alemão, 123 (95 e 28).

C. Línguas ordenadas na condição de primeiro idioma (em milhões):

01. Chinês Mandarim, 873.
02. Hindu, 370.
03. Espanhol, 350.
04. Inglês, 340.
05. Árabe, 206.
06. Português, 203.
07. Bengali, 196.
08. Russo, 145.
09. Japonês, 126.
10. Punjabi, 104.
11. Alemão, 95.

D. Línguas ordenadas na condição de segundo idioma (em milhões):

01. Chinês Mandarim, 178.
02. Inglês, 170.
03. Indonésio, 140.
04. Hindu, 120.
05. Russo, 110.
06. Espanhol, 70.
07. Tagalog, 65.
08. Francês, 60.
09. Persa, 50.

10. Urdu, 43.

11. Alemão, Tailandês e Punjabi, 28.

Muitos idiomas desaparecerão nos próximos anos (BONVILLAIN, 2003, P. 348). Estima-se que aproximadamente metade dos idiomas desaparecerá até o final do século – ou seja, aproximadamente um idioma extinto a cada duas semanas. Estima-se que, no século XV, existia por volta de 15.000 idiomas e, à medida que as colonizações e suas assimilações ocorriam (início da globalização), eles começaram a desaparecer. Alguns outros vão se tornando mais fortes (como o Inglês), inclusive impelidos pelo processo da globalização.

O Estado Mundial deve ter, sem dúvida, um caráter internacional. Apesar de, neste momento, o idioma com maior influência ser o Inglês, o caráter internacional implica a união de todas as particularidades de todas as culturas e idiomas. Os idiomas que são mais falados como segundo idioma mostram dois aspectos referenciais. Em primeiro lugar, a sua importância internacional, e em segundo lugar, as definições das fronteiras desse idioma. Inglês, Russo, Alemão, Espanhol e Francês – existem quase tantas pessoas falando Francês como segundo idioma quanto como primeiro idioma – são exemplos de importância internacional.

Hindu, Indonésio e Tagalog são línguas com grande importância na própria região e servem como língua franca ou idioma comum para que pessoas com línguas muito distintas consigam se comunicar. Nessas regiões, as pessoas crescem com 3 ou mais idiomas a sua volta. Português é falado por 10 milhões de pessoas como segundo idioma e não aparece entre os primeiros 20 idiomas mais falados como segunda língua, mostrando que, infelizmente, não é relevante internacionalmente, nem tampouco enquanto *língua franca*, em alguma região. Porém, falando de influências, pode-se observar o seguinte: ao entrar-se num site que acomode vários idiomas, como regra principal, o Inglês vai predominar. Pode-se estudar o caso da *Wikipedia*. No dia 20 de dezembro de 2005, a página principal dessa Enciclopédia Eletrônica listava os seguintes números (em milhares), em termos de artigos disponíveis:

01. Inglês: mais de 865.
02. Alemão: mais de 327.
03. Francês: mais de 205.
04. Japonês: mais de 164.
05. Polonês: mais de 148.
06. Italiano: mais de 126.
07. Sueco: mais de 121.
08. Holandês: mais de 112.
09. Português: mais de 88.
10. Espanhol: mais de 80.

É interessante comparar essa tabela com aquela que apresenta os números de pessoas que falam cada idioma. Observa-se que o Chinês, o número 1, não se encontra na lista dos 10 primeiros da *Wikipedia*, nem Hindu, Russo, Árabe ou Bengali. É importante ressaltar que esses idiomas estão listados como tendo mais de 10.000 referências, mas não aparecem na lista dos 10 primeiros. Também é interessante observar que as línguas que estão entre as 10 primeiras na lista da *Wikipedia*, não se encontram entre os 10 primeiros idiomas mais falados no mundo. O Alemão tem variado muito, subindo da posição 11^a para a 2^a. O Português e o Espanhol baixaram para as posições 9^a e 10^a, respectivamente.

Isso dá uma idéia de algumas das tendências da globalização em relação a que países/idiomas são os dominantes, onde a globalização está tendo um efeito maior, e quais países e culturas estão em posição de influenciar menos. Isso mostra o quanto a globalização e o progresso em geral são desiguais no mundo.

CONCLUSÕES

Para a Conscienciologia, em seu processo de expansão saudável, o ideal é que os conscienciólogos aprendam mais idiomas. O Inglês é a *língua franca* da globalização, e dentro em pouco será a língua mais falada no planeta como segunda língua. Neste momento é o idioma que abre as portas inclusive em países onde não é a língua oficial.

Mais livros precisam ser escritos e traduzidos para outras línguas. A quantidade de livros em um só idioma e a contínua produção somente em Português ainda é muito grande. Além disto, a produção de livros, artigos e pesquisas em geral com *preponderância de fontes* provenientes de uma só língua também não é o ideal. Não só se precisa ver de quantos outros países são as fontes mas também qual é a porcentagem de cada uma delas. Um livro com 100 referências de 10 países diferentes pode ter fontes provenientes de 9 países diferentes e 91 de um só país, enquanto outro pode ter uma distribuição mais equilibrada. Naturalmente, é importante entender que, ao se pesquisar o Estado Mundial, a globalização e a expansão da Conscienciologia, estuda-se um processo que abarca muito mais que uma língua, uma cidade ou uma cultura, e essa ciência se desenvolve como um todo à medida que as pessoas que a fazem se melhoram.

É interessante observar que a Conscienciologia cresce de duas formas:

1. **Profundidade.** À medida que as pesquisas avançam, o teor e a base de idéias crescem em qualidade, densidade e profundidade.
2. **Espacial.** A expansão a novas cidades e países faz com que o estudo da consciência se expanda territorialmente e com que cada vez mais pessoas possam se apoiar nesse conhecimento para alcançar o *compléxis*.

Dentro desse segundo item, a expansão espacial, é interessante questionar em qual língua se dará a expansão da Conscienciologia. As evidências empíricas mostram que a *língua franca* da globalização é também o idioma mais usado na expansão da *tares*. Não há dúvida de que todo investimento no domínio do Inglês permitirá maior projeção para a pessoa. Os conscienciólogos interessados na *tares* não devem parar no Inglês somente, já que, como foi mencionado acima, o aprendizado de outros idiomas ajuda na flexibilidade e na expansão da *pensenidade* como um todo.

A *conscin* que domina várias línguas tende a ser mais cosmopolita e apresentar uma perspectiva mais universal e abrangente que, em consequência, leva a uma riqueza maior no primeiro item – profundidade – mencionado anteriormente. Ao falar vários idiomas, tem um condicionamento menor por parte de um idioma, e essa flexibilidade energética também ajuda *extrafisicamente*. Individualmente, um ponto interessante que pode ajudar no desenvolvimento da profundidade é analisar que tipo de estrutura têm os idiomas que a pessoa fala. Eles são similares ou não? Por exemplo, as línguas românicas são bastante similares e, para ter maior profundidade, é ideal dominar línguas com paradigmas diferentes. O Inglês tem uma estrutura diferente dos idiomas romances, assim como outros do tipo do Alemão ou do Finlandês.

À medida que a nova língua vai ficando mais dissimilar, os símbolos ou caracteres dos idiomas vão mudando (o Russo já tem vários que são diferentes), até ficarem completamente desiguais, como o Árabe

e as línguas orientais: Chinês, Japonês, Coreano e outros. Em termos de expansão espacial e de abrangência dos idiomas que em geral se domina, pode-se questionar o número de pessoas com as quais alguém consegue se comunicar. Se uma pessoa fala Inglês, pode se comunicar com 510 milhões de pessoas; se fala Espanhol, com 420; Português, com 213. Mas se fala os 3 (existem algumas pessoas na CCCI), consegue se comunicar com 1,14 bilhões de conscins. Um bom parâmetro da internacionalização do conscienciólogo é *se a pessoa consegue superar 1 bilhão*.

Isso também permite avaliar certa medida do nível de universalismo, diplomacia, paradiplomacia e flexibilidade da conscin. Este último ponto é importante porque existe a diplomacia entre e dentro da CCCI, mas a diplomacia mais desafiante é aquela que ocorre ao se tentar *relacionar com conscins e consciexes de valores mais distintos*. Naturalmente, isso faz com que a pessoa consiga praticar a tares com maior amplitude e em mais lugares do mundo. Toda essa discussão em relação a idiomas ajuda também a evidenciar que o universalismo não é uma questão teórica, no sentido de ser apenas um conceito que se discute em sala de aula, ou algo que precisa ser unicamente entendido pelas pessoas e, verifica-se como se pode qualificar e quantificar o próprio nível de universalismo através desse aspecto das línguas.

Sem dúvida, a tendência da pessoa mais universalista é a de abraçar outros idiomas e investir nisso. O ideal não é manter-se utilizando apenas um sistema simbólico (idioma) – tão específico – mas conseguir usar vários. Isso dá também mais projeção às idéias da pessoa. A evidência empírica em países como a Itália, a Alemanha, o Japão e outros mostra como a falta de material naquelas línguas é uma séria limitação. Os alunos nesses lugares ficam com “sede” do material da Conscienciologia.

Da mesma maneira que desigualdades surgem pelo avanço heterogêneo da globalização, o ideal seria os voluntários da CCCI não terem a mesma *indiferença passiva* perante as desigualdades de recursos nos avanços conscienciológicos nos diferentes idiomas. Alguns textos, às vezes, são traduzidos inclusive para o Português lusitano – com certa diferença àquele utilizado no Brasil. Esse esforço de fazer essa tradução de um Português para o outro mostra na prática o fato que foi observado – os textos de Portugal facilitam a sua projeção para as pessoas de Portugal. Sem dúvida, fica mais difícil para as pessoas que falam línguas diferentes do Português ter acesso a essa informação. Ao esforçar-se na área do poliglotismo, além de ser parte da tares e cosmoética, o próprio trabalho ajuda no desenvolvimento da conscin.

Este autor pode falar do caso pessoal. Sem dúvida, ao ler um texto conscienciológico em qualquer das línguas que se domina, pode-se entendê-lo bem. Mas quando se faz a tradução desse texto, o tradutor tem que parar e pensar em cada termo, na intenção que o autor teve ao utilizar certa palavra e não outra, na estrutura gramatical que foi escolhida e outros fatores. Por essa razão, o entendimento do conteúdo torna-se mais profundo, porque mais fácil de fazer associações de idéias com outros temas nesse momento. O nível de entendimento dos detalhes da expressão da outra pessoa fica ampliado. Quando este autor começou a fazer traduções, parecia que só entendia o texto depois de tê-lo traduzido, porque a diferença entre ler e traduzir era enorme. Para se ter uma referência, todo professor de Conscienciologia conhece bem a diferença que existe quanto ao entendimento ao se ler certo material e ao ter que dar uma aula acerca dele. A diferença de entendimento com a tradução é igual em extensão, senão maior.

Para concluir, observa-se na prática que o poliglotismo ajuda na expansão das idéias internamente pela profundidade, e também faz com que essas mesmas idéias tenham uma projeção maior em várias frentes. Sem dúvida, a expansão da neociência e da globalização continuará. Sem ter a pretensão de massificar o conhecimento da Conscienciologia, o quanto a expansão desta ciência acompanhará o ritmo do avanço da

globalização e da criação do Estado Mundial está estreitamente vinculado ao desenvolvimento do políglotismo dentro da *Comunidade Conscienciológica Cosmoética Internacional*.

REFERÊNCIAS

1. **Arakaki**, Kátia; *Viagens Internacionais: O Nomadismo da Conscienciológica*; 308 p.; 33 caps.; 3 índices; 244 refs.; glos. 155 termos; 14 x 21 cm; enc.; Associação Internacional Editares; Foz do Iguaçu, PR; páginas 91, 92, 97, 105, 239.
2. **Bonvillain**, Nancy; *Language, Culture and Communication: The Meaning of Messages*; 420 p.; 13 caps.; 4ª. Ed.; Prentice Hall; New Jersey; EUA; 2003; páginas 11, 15, 19, 20, 54, 55, 63, 88, 89, 107, 134, 135, 136, 137, 348.
3. **Bothamley**, Jennifer; *Dictionary of Theories*; 638 p.; 2 índices; Gale Research International Ltd.; United Kingdom; 1993; páginas 352, 541.
4. **Fromkin**, Victoria; & **Rodman**, Robert; *An Introduction to Language*; 566 p.; 12 caps.; 6ª. Ed.; Harcourt Brace College Publishers; Orlando, FL; 1998; páginas 18, 19, 70, 71, 72, 73, 409, 421.
5. **Gordon**, Raymond G., Jr.; *Ethnologue: Languages of the World*; SIL International Online version; disponível em: <www.ethnologue.com>; acesso em: 21.12.2005.
6. **Held**, David; & **McGrew**, Anthony (Editors); *The Global Transformation Reader*; 602 p.; 50 caps.; 2ª. Ed.; Polity Press; Cambridge; United Kingdom; 2003; páginas 7, 8, 12, 18, 20, 23, 29, 31, 40, 42, 121-125, 299, 300, 421, 422.
7. **Knox**, Paul; **Agnew**, John; & **McCarthy**, Linda; *The Geography of the World Economy*; 438 p.; 13 caps.; índice; 651 refs.; Oxford University Press Inc.; New York, NY; 2003; páginas 4, 87, 109, 332.
8. **Vieira**, Waldo; *Homo sapiens reurbanisatus*; 1.584 p.; 479 caps.; 5 índices; 7.653 refs.; glos. 241 termos; 139 abrevs.; geo.; ono.; alf.; 28 x 21 x 7 cm; enc.; Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciológica (CEAEC); Foz do Iguaçu, PR; 2003; páginas 232, 827.
9. **Vieira**, Waldo; *Projectiology, A Panorama of Experiences of the Consciousness outside the Human Body*; transl. Kevin de La Tour and Simone de La Tour; 1.232 p.; 525 caps.; 43 ilus.; 5 índices; 1.907 refs.; glos. 303 termos; 145 abrevs.; geo.; ono.; alf.; 27 x 21 x 7 cm; enc.; International Institute of Projectiology and Conscienciology (IIPC); Rio de Janeiro, RJ; 2002; páginas 360, 361, 362, 363, 997, 998, 1000.

